

**UMA CONVERSA COM AÍDA DOS SANTOS – SUA HISTÓRIA E O SEU
PROTAGONISMO NA CRIAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

**A TALK WITH AÍDA DOS SANTOS - HER HISTORY AND
PROTAGONISM IN THE CREATION OF PHYSICAL EDUCATION
AT UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

**HABLAR CON AÍDA DOS SANTOS - SU HISTORIA Y SU
PROTAGONISMO EN LA CREACIÓN DE EDUCACIÓN FÍSICA EN LA
UNIVERSIDAD FEDERAL FLUMINENSE**

Martha Lenora Queiroz Copollilo¹

Resumo: Para início dessa conversa tomo de empréstimo as pesquisas de Caputo (2006), para dizer que a entrevista é um caminho de aproximação que se faz a partir de uma dada realidade, imersa em um determinado assunto e, contaminada por seu próprio olhar. Mas, será só isso? Pergunta-nos essa autora. Com ela fui refletindo e ampliando minhas concepções para compreender que “as palavras escapam e não é possível aprisioná-las a um conceito”. Assim sendo, “a entrevista se torna uma experiência. Uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro (CAPUTO, 2006, p.24).” Aqui me sinto honrada e grata por partilhar essa experiência com a mulher, atleta, professora Aída dos Santos. Se a experiência é, como nos diz Larrosa (2002), algo que nos afeta e nos transforma, sinto-me tocada pela oportunidade desse encontro, ainda que virtual e em tempos difíceis de pandemia, que nos impõe esse distanciamento.

Palavras-chave: Entrevista 1. História 2. Educação Física 3. Formação 4. Universidade 5.

Abstract: To start this conversation, I take Caputo's research (2006), to say that the interview is a way of approaching that is based on a given reality, immersed in a certain subject and contaminated by her own gaze. But, is that all? This author asks us. With her, I was reflecting and expanding my conceptions to understand that “words escape and it is not possible to imprison them to a concept”. Therefore, “the interview becomes an experience. An experience of looking at the world and listening to the other (CAPUTO, 2006, p.24).” Here I feel honored and grateful to share this experience with the woman, athlete, teacher Aída dos Santos. If the experience is, as Larrosa (2002) tells us, something that affects and transforms us, I am touched by the opportunity of this meeting, although virtual and in difficult pandemic times, which imposes this distance on us.

Keywords: Interview 1. History 2. Physical Education 3. Training 4. University 5.

Resumen: Para iniciar esta conversación, tomo la investigación de Caputo (2006), para decir que la entrevista es una forma de acercamiento que se basa en una realidad dada,

¹ Doutorado em Educação pela UERJ. Docente no Instituto de Educação Física da UFF. E-mail: marthacopollilo@id.uff.br.

inmersa en un tema determinado y contaminada por su propia mirada. Pero, ¿eso es todo? Este autor nos pregunta. Con él, fui reflexionando y ampliando mis concepciones para entender que “las palabras se escapan y no es posible aprisionarlas a un concepto”. Por tanto, “la entrevista se convierte en una experiencia. Una experiencia de mirar al mundo y escuchar al otro (CAPUTO, 2006, p.24) ”. Aquí me siento honrada y agradecida de compartir esta experiencia con la mujer, deportista, profesora Aída dos Santos. Si la experiencia es, como nos cuenta Larrosa (2002), algo que nos afecta y transforma, me conmueve la oportunidad de este encuentro, aunque virtual y en tiempos difíciles de pandemia, que nos impone esta distancia.

Palabras clave: *Entrevista 1. Historia 2. Educación física 3. Formación 4. Universidad 5.*



1 INTRODUÇÃO

Para início dessa conversa tomo de empréstimo as pesquisas de Caputo (2006), para dizer que a entrevista é um caminho de aproximação que se faz a partir de uma dada realidade, imersa em um determinado assunto e, contaminada por seu próprio olhar. Mas, será só isso? Pergunta-nos essa autora. Com ela fui refletindo e ampliando minhas concepções para compreender que “as palavras escapam e não é possível aprisioná-las a um conceito”. Assim sendo, “a entrevista se torna uma experiência. Uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro (CAPUTO, 2006, p.24).”

Aqui me sinto honrada e grata por partilhar essa experiência com a mulher, atleta, professora Aída dos Santos. Se a experiência é, como nos diz Larrosa (2002), algo que nos afeta e nos transforma, sinto-me tocada pela oportunidade desse encontro, ainda que virtual e em tempos difíceis de pandemia, que nos impõe esse distanciamento.

Mas a potência dessa mulher ultrapassa distâncias físicas e nos envolve, nos ensina e nos emociona com sua história de vida.

Tenho certeza que ao falar Aída dos Santos, esse nome dispensaria apresentações por seu notório reconhecimento nacional e internacional. Contudo, acho importantíssimo que ela seja apresentada, sobretudo por ela mesma.

Martha- Por favor, me diga: quem é Aída dos Santos?

Aída - Sou uma pessoa comum, uma mulher brasileira, negra e que apesar da falta de apoio dos governantes consegui como atleta chegar onde cheguei conquistando títulos nacionais e internacionais, graças à minha determinação e força de vontade.

Nesse momento, como já anunciei antes, contaminada por meus sentidos e pelo fato de ter convivido com ela como docente na Universidade Federal Fluminense, não posso deixar de falar da sua demonstração de grandeza ao apresentar-se e digo: Aída dos Santos é muito mais do que disse a própria.

O site oficial do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), a apresenta resumidamente, dizendo que

O quarto lugar de Aída dos Santos no salto em altura em Tóquio 1964, foi o melhor resultado individual de uma atleta brasileira nos Jogos Olímpicos durante 32 anos. Aída foi a única mulher a integrar a delegação nacional naquela edição do evento. Quatro anos mais tarde,

na cidade do México, Aída mostrou ser uma atleta completa e participou da prova de pentatlo.²

Por aí começou a nossa conversa, com a humildade não submissa dessa mulher, coisa que só aparece quando conversamos com gente da sua grandeza.

2 ENTREVISTA

Na busca por introduzir um dos pontos dessa entrevista, prossigo:

Martha - Professora, para contextualizar a nossa conversa, sei que para falar hoje, do Instituto de Educação Física da UFF, é preciso dizer que começou como um Departamento de ensino e que você foi a protagonista, a primeira mulher, nesse processo. Poderia nos contar um pouco de como foi esse início, digo a criação da Educação Física na UFF?

Aída - Pois não. Nessa época eu estudava e trabalhava na Universidade Gama Filho, e recebi em casa um telegrama do então Reitor³, agora não me recordo, já é falecido, para que eu comparecesse na UFF. Passou. Chegou o segundo telegrama e depois o terceiro, então resolvi ir. Cheguei lá o Reitor me disse, ainda bem que veio, estávamos te esperando. Eu respondi: recebi três telegramas então resolvi ver o que era. Então ele falou, estamos precisando criar a Educação Física na UFF, é uma exigência federal, outras Universidades já têm, e eu quero que você participe disso. Eu respondi: tudo bem, como vamos fazer, quando começamos? Ele disse: hoje. Você já fica aqui e vamos começar a trabalhar. Foi então que chamou outros professores, um era o Tomaz, o Alfredo da didática e uns outros... Na verdade, o Alfredo era o principal nesse projeto. Começamos a pensar em selecionar professores e foi o Alfredo que disse que só poderíamos chamar professores formados por Universidades. Aqueles na época formados pelo Exército, pela Marinha não poderiam. Ele que definiu isso.

Martha- E a partir daí? Como foram esses caminhos? Quais as facilidades e dificuldades nesse momento de concretizar a criação da Educação Física na UFF?

Aída - Primeiro as pessoas tinham que ser especializadas em Basquete, Atletismo, Ginástica, Dança. Aí enviavam o currículo. Na parte de Didática e

2 Aída dos Santos – Atletismo. Comitê Olímpico Brasileiro, 2020. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/aida-dos-santos/>. Acesso em: 01 de out de 2020.

3 Professor Geraldo Sebastião Tavares Cardoso, Reitor da UFF entre 1974 e 1978. Na sua gestão foi criado o Departamento de Educação Física, em 1975.

Psicologia era o Professor Alfredo que via, na parte da Educação Física éramos eu, Tomaz e o Reitor que selecionávamos. Depois passado uns meses, tivemos uma prova escrita. Eu também fiz. Até, na época dessa prova, eu estava na maternidade, ganhando a Waleska⁴ o Reitor autorizou e levaram a prova pra mim no hospital. Eu fiz a prova no hospital.

Envolvida com a história, minha fala transborda. Não sei se certo ou errado, mas transcrevo aqui palavras e sentimentos. Então digo à Aída: isso demonstra a importância da sua participação nesse processo. Aída faz uma pequena pausa, ouço a sua respiração e prossigo.

Martha- Nesse momento tem algum fato ou pessoa que te marcou, que te tocou na sua vida de mulher, atleta e professora universitária?

Aída - O importante foi o seguinte: depois que eu fiz parte do projeto eu não pensei que eu ia dar aula entende? Eu disse para o Reitor, agora está tudo pronto, concretizamos o projeto, que já tinha ido para Brasília e estava tudo resolvido. Porque eu era técnica de Atletismo, Natação e Voleibol. E naquela época nós não tínhamos nem piscina nem pista de atletismo. Aí ele disse: - Não, você fica! E eu fiquei responsável pela cadeira de Voleibol.

Martha - Entendi... e até para que possamos refletir um pouco sobre o que vivemos hoje, quais foram as maiores dificuldades que encontraram nesse início do trabalho, após a criação do projeto de Educação Física na UFF?

Aída - O problema é que nós não tínhamos local para dar aula. Só tinha um ginásio dentro da Faculdade de Direito, que era usado para as atividades de lá, jogos do Direito etc., e nós não tínhamos espaço para trabalhar com nenhuma modalidade. Então por intermédio do Reitor conseguimos usar o ginásio do Direito para as aulas de Voleibol, a Natação era dada no Clube Canto do Rio e no Clube Pioneiros no Vital Brasil, o Basquete era na Faculdade de Comunicação. Mas, tudo improvisado, os lugares foram adaptados, os vestiários, as marcações das quadras, etc. Muita dificuldade mesmo de espaço para o Departamento de Educação Física trabalhar.

Com o passar do tempo, como você fala sobre isso hoje? Sei que você circulou pelo Instituto com o seu Projeto Social com Atletismo, contribuindo na formação de

4 Filha mais velha de Aída, que se tornou jogadora de Voleibol da seleção brasileira

jovens, trabalhou na pista e também se exercita lá. Como você percebe hoje, nossas instalações?

Aída - Ah! Eu acho que mudou muito pouco. Desde o início foi com muitas dificuldades. A criação da pista de Atletismo foi assim, eu com o Alfredo, na época o Presidente era o Cardoso (FHC), o secretário de esportes era o Pelé, e como eu tinha intimidade com ele, fui várias vezes à Brasília e tal, para conseguir a pista e aquele circuito da saúde, que nós botamos o nome de Pista de Saúde. Mas tudo com muita dificuldade. Eu cheguei a dar aula de ginástica e de ginástica ??? na Faculdade de Economia. Eu e a professora Ana, um dia chegamos lá e encontramos o quê? Areia no nosso lugar de dar aula, ia começar uma obra e nós não sabíamos, não pudemos dar aula lá. Foi aí que nós começamos a brigar por espaço, aí que fomos para o espaço que chamam de UFFÃO. Aí que foi criado, quando fomos para lá era só de tijolo, eu comecei a dar aula de ginástica lá. O voleibol era em um espaço comum, sem nada, nós fazíamos a marcação da quadra, botávamos uma rede e dávamos aula. Fomos brigando, brigando, mas tudo muito devagar. Eu acho que até hoje ainda temos dificuldades, aquela parte que tem hoje da musculação demorou para fazer, eu já estava aposentada, mas fui lá e vi, eu achava que tinha que ter sido feito melhor. Vocês lá trabalhando e ainda nem inaugurou o piso já estava soltando e já tinha outras coisas acontecendo lá. Para mim eu acho que a Educação Física dentro da UFF é o primo pobre.

Martha - Nada fácil! Mas falando um pouco da professora Aída dos Santos, como era a sua relação com a docência? Como era nesse contexto receber os alunos, passar para eles seu conhecimento no Voleibol, no Atletismo etc. Como era nesse momento em que a professora falava mais alto?

Aída - Sempre foi de muito prazer. Eu sempre gostei de dar aula. Na UFF eu dei aula de tudo, de Natação, de Basquete, de Futsal. E aconteciam vários fatos interessantes. Uma vez na Faculdade de Direito, eu sempre chegava cedo para arrumar a rede e tal. E dois alunos, que até hoje são meus amigos, chegaram e me viram montando a rede e perguntaram: a professora de Educação Física já chegou? Eu disse não, mas ela não vai demorar, ela não atrasa. Quando começou a aula eles ficaram surpresos. Outra vez, na Faculdade de Direito, choveu, molhou a quadra e eu peguei o rodo e comecei a secar. Chegou uma aluna e disse eu queria falar com a professora de Educação Física. Eu disse, sou eu! Ela disse: Não! Jura? Ficou surpresa! Eu sempre

me coloquei assim, fazia de tudo para dar aula por prazer, e não gostava de usar meu nome. Quando tinha o coordenador para apresentar os professores e tal, eu sempre falava só Aída, nem falava dos Santos. Muitos alunos depois encontravam comigo e falavam Mestreira, porque me chamavam assim, diziam que me viram na televisão, na revista Veja, Caras e eu não falava nada. Eu sempre pensei que é melhor ser do que dizer.

Pausa, e eu digo: É por isso que você é! Então, provooco nela algumas risadas. proveito a brecha e toco em questões mais profundas.

Martha - Aída como mulher, mãe, atleta, negra, vinda de uma comunidade pobre, como você sentiu e sente o racismo, o preconceito encarnado na sua história e nos dias de hoje?

Aída - *Eu vejo que isso ainda precisa ser muito trabalhado ainda hoje. Não adianta fazer umas reuniões, falar disso e pronto. Eu falo que o negro tem que estudar. Não adianta ter dinheiro, hoje tem, amanhã perde. Tem que ter cultura, a cultura ninguém tira de você, tem que ter cultura para ter voz. Olha um caso de um tio do meu marido, que é juiz. Ele fez prova cinco vezes, na última vez os desembargadores disseram, agora não tem jeito, vamos ter que aprovar esse negro. Eu acho que tem que lutar, ser perseverante, não desistir. Eu sempre gostei muito de desafios, quando me diziam que não vai dar, eu dizia: mas vamos tentar, vamos ver. Por exemplo, lá com o meu Projeto Social, eu fiquei dez anos com esse trabalho. Encaminhei muito menino, quando eu via a chance, eu batalhava. Eu tinha um aluno do morro do Palácio, ele faltava à aula eu ligava para o trabalho da mãe dele. Ela dizia hoje não deu para descer, teve tiro, um assassinato aqui. Eu me preocupava e esse menino eu consegui encaminhar para a Marinha. Eu fazia assim, eu não tinha dinheiro, não tive apoio dos governos. Inclusive, fui pedir para as crianças irem para o projeto sem pagar passagem e não consegui. O Instituto começou assim, eu não tinha lugar para trabalhar. Comecei com a parte da psicologia, era uma ex aluna da UFF. A parte de Serviço Social era também uma ex aluna que ajudava. Eu tentei o Caio Martins, mas não deu, então fui para o espaço da Concha Acústica da Prefeitura. Começamos com o mini voleibol mas as crianças foram crescendo e não tinha espaço, não podiam fazer obra. Aí então eu fui para a UFF e agradeço muito ao professor Guilherme Ripoll, ele batalhou. Muitos colegas nossos não queriam que eu fosse para lá, não podia entrar com as crianças, usar a pista e tal. Mas o Guilherme interferiu, batalhou e conseguiu que eu pudesse*

fazer o Projeto lá. Depois também teve obra lá e saí. Fui para o Clube Fonseca até que quiseram cobrar pelo espaço e nós não tínhamos verba, enfim foi um caminho muito difícil. Com muita vontade de fazer, mas com muitos problemas, sem nenhum apoio. O projeto ficava assim, de lá para cá, sem lugar, mas com muitas crianças interessadas, até de São Gonçalo vinha gente. Eu dizia: mas é longe! E as pessoas falavam, mas lá não tem nada e aqui é bom e de graça. Batalhei muito, mas infelizmente acabou, foi com muita pena, mas não deu mais.

Martha - Esse seu envolvimento com o esporte, e agora fica bem claro isso, também nessa história com o seu Projeto Social, foi muito marcado por uma falta de apoio dos governantes, em todas as instâncias. Peço licença, para te dizer aqui em meio a nossa conversa, que hoje o Diretório Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física leva o nome do nosso saudoso e sempre querido Professor Guilherme Ripoll, a quem você se referiu com muito carinho anteriormente.

Aída -Ah! Fico muito feliz em saber, eu não sabia, mas acho uma homenagem muito justa e merecida.

Martha - Retomando o nosso assunto...em entrevistas na televisão, matérias de jornais etc., você sempre toca na falta de apoio para o esporte de uma forma geral. Fala da falta de Políticas Públicas de apoio, especialmente para algumas modalidades. Como a sua história é tão rica, vamos nos permitir nessa conversa não seguir caminhos por ordem cronológica. Vamos falando de hoje para trazer o ontem e ainda falar do futuro. Como atleta você viveu isso, como mãe de atleta, da Walesquinha, grande jogadora de Voleibol, e como Professora Universitária e Coordenadora de Projetos Sociais. Eu gostaria de pedir para que falasse um pouco disso, contando a história da sua participação na Olimpíada de Tóquio. Apesar de ser fato conhecido e reconhecido por muitos, não posso perder a oportunidade de ouvi-la contada pela própria.

Aída - Nos esportes individuais para ir para ao Mundial ou uma Olimpíada precisa ter “índice”, e para Olimpíada de 1964 eu não estava selecionada para ir, na minha modalidade, o Atletismo. Só quem iria era o revezamento masculino 4x100m e a Érica Resende nos 200m. Em muitas competições eu servia de “coelho” para ela tentar bater o índice. Eu fiz isso em várias competições. Aí, nós fomos a um campeonato não me lembro agora se foi em Santo André ou São Bernardo do Campo, e eu fui também para o salto em altura. Chegando lá eu saltei 1,65m e a Maria Conceição Cipriano saltou 1,71m. Vieram falar conosco que nós duas alcançamos o índice que era 1,65m. A

Cipriano ultrapassou. Em todos os lugares do mundo quando um atleta atinge o índice Olímpico ele volta para o seu país para treinar, melhorar sua marca. Mas, com a gente não foi assim, nos fizeram participar de várias eliminatórias São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro para ter que confirmar. Quando chegou a última eliminatória, era setembro e a Olimpíada era em outubro. Naquela época eu morava em uma Comunidade, não tinha telefone. Uma colega minha tinha e eu dava o telefone da casa dela. Então ela chega lá em casa no dia 6 de setembro e me diz: Aída telefonaram para você do Comitê Olímpico e disseram que você tem que estar amanhã lá no Maracanã para a eliminatória. Disseram que você pode até ir de manhã para se concentrar, almoça lá e a prova vai ser 14 horas, do dia seis para o dia sete. Eu disse tá bem, vou falar com a minha mãe. Minha mãe disse Aída você pode até ir, mas antes tem que fazer as coisas da casa, tem que carregar água, lavar a roupa e encerar o chão. Tá bem...eu fiz tudo isso Martha e fui pra lá. Quando cheguei lá eu falei, só vim para dar uma satisfação. Eu não quero ir para Olimpíada, eu estou cansada, eu não sei como é isso, nunca fui e não quero mais. O técnico me perguntou por quê? Você não se concentrou? Eu disse, me concentrei, carreguei lata d'água, lavei roupa e encerei o chão. A Cipriano tinha ido também para o Maracanã, se concentrou. E o técnico insistindo muito, muito. É a última e tal. Eu falei está bem, vou saltar. Isso já era a sétima ou oitava eliminatória que nos obrigavam a confirmar o índice. O que aconteceu? Eu saltei 1,65m e a Cipriano não conseguiu nem o 1,65m. Depois que saltou 1,71m naquela vez, nunca mais conseguiu o índice. Então o técnico, que era o meu no Botafogo, disse então vai só a Aída dos Santos, só ela que conseguiu. Aí lá mesmo no Maracanã disseram:mas ela não tem uniforme para desfilar agora já está em cima da hora, já é mês que vem! Eu falei: eu tenho uma roupa do Ibero Americano (que era uma saia cinza, uma blusa branca e um paletó azul com as argolas olímpicas). Me disseram: então tá! E foi com essa roupa que eu desfilei. Naquela época em 1964, não tinham todas as confederações, os esportes individuais ficavam ligados a CBD, então eles me deram um short, uma blusa e um casaco. Eu pensei, não posso usar essa roupa pra treinar, então pedi e o Botafogo me deu um uniforme básico cinza, nem escudo do clube tinha. Enquanto os atletas do mundo tinham vários uniformes de treino, de competir, de chuva, foi com essas roupas que eu fui. Como você sabe, os atletas não chegam todos juntos numa Olimpíada, e eu fui com a delegação masculina de Voleibol. Quando cheguei no Japão tinha que preencher um documento, quando fui ver não tinha

um brasileiro comigo, nem dirigente, nem atleta. Eu me vi cercada de japoneses e querendo que eu preenchesse aqueles dados, eu sem entender nada. Me levaram para baixo e apontaram a folha e cantaram a melodia do “Parabéns pra você” e eu então entendi que era a minha data de nascimento e depois o meu nome. Foram as duas coisas que preenchi, o resto ficou tudo em branco. Depois me levaram para um alojamento feminino. Cheguei sozinha no quarto com quatro camas. Eu não sabia onde estava. Onde era a delegação do Brasil? Pensei, amanhã como eu vou fazer para sair, tomar café? No dia seguinte eu desci, vi várias bicicletas, tinham muitas. Eu peguei uma e sai andando até encontrar um restaurante com a bandeira do Brasil. Porque tinha um para cada país, com toda a alimentação nossa. Entrei tomei café e encontrei umas pessoas vestidas com roupa de dirigentes. Eu falei eu quero treinar, e continuei sozinha. Pegava a bicicleta e encontrei onde era a pista de Atletismo. Eu ficava olhando, entrava uma atleta de outro país e junto três técnicos. Eu parada, esperava ela acabar de treinar, quando saiam e o japonês vinha para recolher o material, eu corria e ia apontando o que precisa, o colchão, etc. e ele deixava para eu treinar. Eu treinava sozinha, se estava certo ou errado não sei, mas treinava. Quando chegou na semana da competição eu procurei os dirigentes e não consegui achar. Eu não tinha sapato de prego para competir. Eu fiquei andando pela Vila e chorando. Veio um rapaz de Cuba, ele era do Atletismo e me perguntou: Que te passa Brasil? Eu disse me passa tudo, eu não tenho material para competir, não tenho sapato de prego para competir. Ele disse, vou te levar na Adidas. Me levou lá, eles me deram um sapato de prego, um tênis e uma bolsa. Então pegaram a lista com os nomes da delegação brasileira para dar baixa, o meu nome não estava na lista. Tive que devolver tudo e continuei chorando. Aí o cubano me levou na Puma, cheguei lá a mesma coisa, meu nome não estava na lista. Eu pensei, como vou fazer para competir daqui a três dias? Então um rapaz de lá, ficou com pena de mim e me deu um sapato de sprinter, é um sapato para correr 100m. Eu falei, como vai ser? Ou eu vou com esse, ou com o meu tênis? Porque o sapato para salto em altura é diferente, no calcanhar tem dois pregos. Eu peguei aquele. Chegou no dia da competição apareceu um jipe no Alojamento para me pegar e deixaram na porta do Estádio. E agora? Eu disse, tenho que entrar. A sorte que eu conhecia a Diana do Canadá e outra atleta de Trinidad e Tobago, sabia que elas eram saltadoras e elas estavam com seus técnicos. Então, eu disfarçava e seguia elas. Entraram numa sala eu entrei. No meio tinha um painel e eu vi que os técnicos

apertavam os números das atletas e aparecia os nomes. Eu pensei, essa é a chamada. Fui lá, sabia o meu número, era vinte e dois. Apertei e apareceu lá, fiquei sentada. Entrou um japonês e foi fazendo uma pergunta para os técnicos e vi que respondiam não. Eu estava sozinha e ele me perguntou, eu respondi não. Até hoje não sei qual foi a pergunta. Bom, entramos para o local da competição, mas tinha dois grupos, dividiram para saltar. Eu estava tão chateada com tudo o que passei que disse, eu tenho que conseguir esse índice para ir para final. Era 1,70m e eu nunca tinha saltado isso no Brasil. Fui lá e fiz o índice, mas torci o pé. Não estava acostumada cair no colchão e sim em um buraco de terra. Quando acabou eu estava mancando e não sabia o que fazer para voltar para final na parte da tarde. Pensei vou ficar pelo estádio mesmo, estava lotado, mas não tinha uma bandeira do Brasil. Segui mancando e procurando um lugar para comer. Entrei em um restaurante e apontei, era chuchu com camarão. Eu tinha uns ienes, e foi tudo. A moça pegou e também não sei se fiquei devendo ou paguei demais. Aí a Miguelina Cobián, a cubana, me viu mancando e perguntou, o que houve? Eu contei e ela me levou e o médico cubano fez uma tala, uma botinha no pé para eu poder competir a final. Então eu fui, aí começava tudo de novo, zeravam as marcas. Eu sei que depois que saltei 1,74m eu estava exausta, tão cansada, não conseguia fazer mais nada.

Mas eu não tinha noção da minha colocação, e com essa marca eu já era a terceira colocada e não sabia. Mas depois a Russa continuou e passou no terceiro salto com 1,78m e eu não fiz. Acabou e eu, para ir para Vila Olímpica, fiquei procurando até que tinha um ônibus e todo mundo ia para Vila Olímpica e eu fui. Quando cheguei lá me perguntaram e falei fiquei em quarto lugar. Ai todo mundo falando que bom, torcemos por você. Eu falei, torceram nada! Não tinha uma bandeira do Brasil, eu fiquei lá largada, sem ninguém para me acompanhar. E agora eu quero ir embora para o Brasil. Como o futebol estava desclassificado eu vim embora com eles. Quando cheguei aqui, ainda dentro do avião recebi flores, tudo bem. Quando eu desci estava lá a Diretoria do Botafogo, tinha repórteres, corpo de bombeiro. Queriam me entrevistar eu disse, agora? Tinham que ter falado comigo antes. Depois queriam que eu fosse até a Presidente Vargas no carro dos bombeiros, eu disse não vou. Agora eu quero ir para minha casa. Vou para Niterói nem que seja a nado. Um repórter queria me acompanhar até Niterói, conhecer minha casa e eu disse não. Agora não quero ninguém comigo, quando mais precisei fiquei sozinha e ninguém queria vir na minha

casa. Eu não quis nada, fui quarto lugar e até hoje se fala nisso, agora mesmo em março a Folha de São Paulo, a revista Veja me procuraram e disseram: Aída, ano que vem tem Olimpíada, vamos te entrevistar de novo!

Martha - Tenho que te agradecer muito, por toda essa riqueza de detalhes.

Aída - Tem mais! Lá no Japão eu ganhei das americanas. O técnico delas veio ao Brasil e me procurou. Perguntou se eu tinha psicóloga. Eu ri. Se não tive nem técnico na Olimpíada vou ter psicóloga? Esse homem quando viu o lugar que eu treinava, as condições, ficou horrorizado. Me convidou para ir treinar nos Estados Unidos e estudar com bolsa de estudos, mas meus pais não deixaram. Depois, com meus filhos eu disse, eu não fui, mas vocês vão. A Patrícia está lá, se formou, fez Pós, casou, tem filhos.

Então quando me perguntam hoje, o que você acha que mudou no apoio aos esportes? Uma vez eu fui entrevistada e estava junto com a Fabiana, do salto com vara, antes dela ir para Olimpíada. Eu respondi acho que melhorou, mas pouco. Agora tem psicólogos, ganham dinheiro, viajam antes para se aclimatar, etc. Mas os resultados ainda não aparecem, na minha época viajava de avião da FAB e comia de marmita. Material humano nós temos, eu sei, eu fiz estágio na Alemanha, nos Estados Unidos, eles tinham materiais novos para trabalhar, espaços, etc. Aqui no Brasil não. Não tem trabalho de base. Ninguém quer pegar do início como eu tentei fazer. Para mim, em termos de material humano, somos os melhores do mundo, mas não temos apoio.

Nesse momento o trabalho remoto nos surpreende, Aída pede licença e chama a Walesquinha para pegar o cachorro que entrou na sala e estava latindo. Walesquinha vem e Aída diz: *estou falando com a Martha da UFF!* E com a sua simpatia de sempre ela responde: *Um beijo Martha, já joguei vôlei com você no Ginásio da Faculdade de Direito!* Nós rimos, porque vem à memória lembranças de um tempo bom, quando tive a oportunidade de conviver e aprender com grandes Mestres como Guilherme Ripoll e Aída dos Santos que levava a sua filha, a pequena e hoje grande jogadora de Voleibol Waleska, para assistir as aulas e os jogos dos eventos que organizávamos na Universidade. Continuo, então.

Martha - Aída, nessa nossa prosa, de idas e vindas, essa sua entrevista, como você sabe, é para publicação na Revista Fluminense de Educação Física, que é organizada por uma equipe com uma técnica em assuntos educacionais, professoras e professores do Instituto de Educação Física. Esse mesmo grupo também está pensando

na criação de um curso de Mestrado e essa Revista, com a sua entrevista que muito nos honra, vem ao encontro desse movimento, de que para pensar nesse futuro precisamos fazer um resgate da história da criação da Educação Física na UFF. Já que você nos brindou contando o início dessa história, como você vê hoje? Como você pode falar um pouco da Universidade Pública, do Instituto de Educação Física no contexto atual, com a criação do Curso de Licenciatura desde 2007?

Aída - Eu fiquei muito contente que o Departamento de Educação Física virou Instituto. Com a criação do Curso também. Mas não estou desfazendo de nenhum trabalho, até porque eu dei aula muito tempo na “curricular”, mas será que os professores estão preparados? Agora é diferente, é uma formação. Acho que tem que ter a pesquisa e os professores têm que estar sempre se preparando, fazendo especializações. Por exemplo, no Atletismo, que é o meu esporte, são poucos professores que trabalham com isso depois de formado na Faculdade. Eu mesma quando fiz graduação sabia mais do que o meu professor de Atletismo, tinha vezes que ele nem ia e eu dava aula. Acho que essa formação tem que ser melhor, os professores têm que sair mais preparados e estudar sempre. Isso é muito importante, não pode parar.

Martha- Sim, essa formação permanente que você destaca é muito importante. Aída, nesse momento já temos mais de uma hora de conversa, eu ficaria conversando muito mais, mas em respeito ao seu tempo e sua disponibilidade vou tentar caminhar para concluirmos esse momento tão agradável.

Aída: Fica à vontade, Martha..

Martha -Agora, me conta um pouco o que Aída dos Santos faz hoje e se tem projetos pessoais/profissionais para o futuro?

Aída -Hoje eu sou uma dona de casa aposentada que continua fazendo atividade física. Eu sempre fiz e agora também, pela minha saúde. Os médicos, dois, me disseram o colesterol está alto. Vai tomar remédio e fazer mais atividade física. Eu disse que continuo fazendo mais atividades, chega de remédios. E eu jogo vôlei, organizei muitos campeonatos master de Voleibol no Clube Militar, 60 anos, mais, ... 65, 70, 75 anos. Não pode parar, não pode ficar sedentária. Se não faço esportes, vou caminhar. Caminhar só não, faço alongamentos se não fica com dores musculares. Então, eu sou Aída com oitenta e três anos, avó com seis netos! E quando sou chamada eu vou, sempre que puder ajudar, eu estou aí.

Martha - Com certeza, a riqueza de ouvir, contada por você, sua história de filha, mulher, negra, atleta, mãe, professora, tudo isso tem muito a nos ensinar. É o resgate da nossa história no esporte mundial e, especialmente na Educação Física da UFF.

Quero te deixar à vontade para mandar o seu recado para os leitores e leitoras, para falar o que quiser.

Aída - O que gostaria de dizer para os acadêmicos, é que eles se doem. Escolham a profissão e se doem, estudem, trabalhem com amor. Não dá certo escolher uma carreira só por dinheiro. E para os dirigentes dos esportes, que eles pensem nos outros. Porque se hoje eles têm dinheiro, têm que pensar nos que não tem, nem para viver, assim como eu lá atrás. A gente não pode falar do futuro sem olhar para o passado. No esporte, por exemplo, o presente não vive sem o passado. Temos que olhar para frente sim, mas aprender. Olhar para o próximo e não pensar só nos seus interesses. E o que eu vejo hoje nesses governantes é muito isso. Eu sou brasileira e tenho orgulho disso, mas, os nossos governantes, também não estou generalizando, não olham assim. Eu fico muito triste e indignada, agora, olha o que estamos vivendo na saúde. Gente! É muito triste. Você tem que olhar para o próximo e eu não vejo isso acontecendo no Brasil, infelizmente.

Tenho que dizer mais uma vez sobre a honra e a gratidão por ouvir você. Quero agradecer em nome de todos e todas do Instituto de Educação Física por essa entrevista. Fica um resgate histórico importante para todos e todas e, especialmente, uma lição de vida dessa mulher guerreira, amorosa e muito generosa.

Fui a entrevistadora e, como mulher professora e cidadã me sinto afetada por essa conversa, Imersa no que ouvi, estou mergulhada em muitos sentimentos que tocam o meu corpo por inteiro. Mas paro e me pergunto: qual o sentido dessa escrita? Sei que o sentido dessa escrita está nas palavras da Aída, na sua potência e nos seus significados que, por certo, nos atingirão como flechas em múltiplos contextos e espaços de vida cotidiana.

Ficamos por aqui.

REFERÊNCIAS

CAPUTO, Stela. Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 18 de set de 2020.

NOTAS:

Professor Alfredo Gomes de Faria Junior (*in memoriam*), aposentado pela UFF e UERJ, um expoente no campo da Educação e Educação Física. Foi um dos professores protagonistas no processo de criação da Educação Física na UFF.

Professor Tomaz Leite Ribeiro (*in memoriam*), aposentado pelo Instituto de Educação Física da UFF, foi um dos professores protagonistas no processo de criação da Educação Física na UFF. Homenageado pelo IEF, hoje dá nome ao Laboratório de Biomecânica do Instituto.

Professor Guilherme Ripoll (*in memoriam*), aposentado pelo Instituto de Educação Física da UFF, foi um dos Coordenadores de Projetos Esportivos e de Extensão. Homenageado pelo IEF, hoje dá nome ao Diretório Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física.